

APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DO LIVRO DE ESQUERDA NO BRASIL: NO ENTREMENTES DE EDGARD CARONE E LINCOLN SECCO¹

Notes on the History of the Left Book in Brazil:
in the meantime of Edgard Carone and Lincoln Secco

Luccas Eduardo **MALDONADO** (Mestrando em História Social pela Universidade de São Paulo, Brasil)

Para André Campos de Camargo, que me ensinou sobre as
bibliotecas

Resumo: Este texto realiza uma descrição da história da historiografia da História do Livro de esquerda no Brasil. Nesse movimento, focaliza as obras de Edgard Carone e Lincoln Secco, procurando suas conexões históricas no processo de recepção da historiografia marxista europeia e dos *Annales*.

Palavras-chave: História do Livro de esquerda; Edgard Carone; Lincoln Secco; *Annales*; Historiadores marxistas

Abstract: This text aims to do a description of left book's history in Brazil. In this movement, it focuses the Edgard Carone's and Lincoln Secco's works, researching their historical connections in process of reception of European Marxist historiography and *Annales* historiography.

Keywords: Left book's history; Edgard Carone; Lincoln Secco; *Annales*; European Marxist historians

¹. Agradeço aos funcionários da biblioteca do Museu Republicano de Itu, onde se localiza o acervo de Edgard Carone. Sem o seu constante diálogo e auxílio, esse texto jamais existiria.



Lincoln Secco é docente do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) desde 2003. Seu leque de temáticas conta com razoável amplitude. No mestrado, pesquisou a recepção de ideias de Antonio Gramsci no Brasil. Investida que resultou no livro

Gramsci e o Brasil – uma espécie de *état de l'art* das apropriações do pensador italiano no país.² No doutorado, operou uma certa mudança de sentido investigativo. De um estudo circunscrito à História das Ideias deslocou-se para uma análise político-social da crise do império colonial português. A empreitada, que se derivou em dois títulos,³ foi logo suplantada por outros interesses. Desde então, o docente dedica-se principalmente ao marxismo e às esquerdas, tanto em abordagens mais restritas às construções conceituais, quanto em investigações voltadas às expressões dessas correntes políticas como fenômeno social. O último trabalho de Lincoln Secco originou-se exatamente dessa segunda vertente. A obra lançada em 2017, intitulada *A Batalha dos Livros*, é uma pesquisa sobre a história editorial das esquerdas brasileiras.⁴ Em grande medida, trata-se de um intento de esmiuçar os caminhos textuais do processo de circulação de ideias de esquerda no Brasil.

Tal obra, no entanto, precisa ser melhor situada dentro da trajetória de seu autor. Ao longo de sua vida acadêmica, Secco explorou extensivamente diversos fenômenos sociais ligados às esquerdas. O seu mais importante estudo, no sentido de impacto, é uma análise sobre a história do Partido dos Trabalhadores (PT)⁵ – investigação que foi publicada na França.⁶ Dentro dessa preocupação com os processos sociais, existe também uma atenção de longa data para com a história do livro, a qual se derivou parcialmente de um ofício de juventude. É um campo de investigação do pesquisador que emerge da intersecção, por um lado, das curiosidades teóricas sobre o marxismo e, por outro, da atenção para com a dinâmica social. Quando Secco era graduando em História na USP, trabalhou como assistente na biblioteca particular de seu professor Edgard Carone (1923-2003). Esse docente possuía mais de 26 mil títulos, entre eles uma série de obras raras sobre a história das esquerdas. A riqueza do seu acervo, reunido ao longo de décadas, possibilitou que realizasse uma notável pesquisa sobre a história da edição de esquerda no Brasil. Nesse campo, seu livro *O Marxismo no Brasil*⁷ é a expressão de maior fôlego, pois realizava um profundo levantamento de todas as publicações marxistas no país até 1964.

Em certa medida, Lincoln Secco é um continuador dessa vocação que Carone começou a construir. Contudo, há de se considerar que não é o seu único legatário, apenas o que se dedicou mais extensivamente às obras de esquerda. Dentro de biblioteca de Carone, também trabalhava um outro assistente. Trata-se de Marisa Midori Deaecto, docente da Escola de Comunicações e Artes da USP. Personagem essa que se tornou um dos principais pesquisadores da História do Livro no Brasil, centrando suas pesquisas principalmente sobre temáticas das práticas de leitura no Brasil do século XIX.⁸ Diferenças temáticas existentes entre os discípulos que em certa medida contemplam e aprofundam vocações presentes no próprio Carone.

Secco e Midori possuem uma longa trajetória conjunta que perpassa diversos textos acadêmicos – embora uma vez a iniciativa tenha se deslocado para searas além da universidade,

². SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.

³. SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português*. São Paulo: Alameda, 2004. _____. *25 de abril de 1974 – A Revolução dos Cravos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

⁴. SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros: formação da Esquerda no Brasil*. Cotia: Ateliê, 2017.

⁵. SECCO, Lincoln. *História do PT*. Cotia: Ateliê, 2011.

⁶. SECCO, Lincoln. *Histoire du Parti des travailleurs au Brésil*. Paris: Éditions du Sextant, 2016.

⁷. CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

⁸. Para a sua obra mais importante, cf. DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: EDUSP, 2018.

quando ambos ocuparam rotativamente uma coluna na revista *Brasileiros* voltados à cultura livresca; empreitada essa que resultou, a partir da reunião do textos, na obra *Bibliomania* em 2015.⁹ O marco inicial da empresa foi a coletânea *Leituras marxistas e outros estudos*,¹⁰ trabalho que condensa alguns dos principais escritos do antigo mestre. Como introdução desse título, há um artigo, “O homem e os livros: a obra de uma vida”, que esboça uma interpretação da trajetória autoral de Edgard Carone, fazendo algumas explorações a respeito da importância de sua biblioteca como mecanismo de sua produção reflexiva.¹¹ Apesar de pouco aprofundada, há uma consideração interessante sobre como a forma de organização espacial da biblioteca de Carone refletia em seus escritos. As estantes estavam estruturadas a partir de um *shibbólet*,¹² de um horizonte comum, que conduzia as suas pesquisas sobre a história das esquerdas. Fundamental questão que faz lembrar a diferença entre um exército e uma horda ou uma biblioteca e um punhado de livros: esses possuem um sistema de organização próprio que o caracteriza e o dá sentido; estes simplesmente são uma reunião de unidades mais ou menos semelhantes. Em suma, um é orgânico e o outro carece de organicidade. No caso da biblioteca intelectual, existe uma concatenação entre autor-pesquisador e disposição livresca. Procedimento que está associado ao ato cognitivo em si, o qual intenta dispor uma lógica, uma organização, onde não existe.¹³

O artigo “O homem e os livros” foi só o primeiro movimento no sentido de constituir uma interpretação a respeito de Edgard Carone e sua produção por parte dos assistentes. Dez anos depois, uma vez mais redigiram um texto sobre o antigo professor, alcançando dessa vez uma maior riqueza analítica¹⁴ – recentemente tal escrito ganhou uma versão com alterações e em espanhol na revista *Políticas de la Memoria*.¹⁵ Nesse novo artigo, postulam, em diálogo indireto com a clássica introdução de Antonio Candido em *Raízes do Brasil*,¹⁶ que a obra de Carone pode ser entendida como um expoente da plêiade de intelectuais responsáveis por constituir uma interpretação a respeito da realidade brasileira.¹⁷ Sinteticamente seria ele o responsável por elaborar uma ideia explicativa sobre as transformações políticas que marcaram a história brasileira. O autor de *O Marxismo no Brasil*, diferentemente de outros “Interpretes do Brasil” que em geral tomavam os períodos colonial e imperial, constituiu um trabalho mais circunscrito, tangendo exclusivamente o momento republicano de sua história (1889-). Para ele, essa época colocarse-ia caracterizada essencialmente por processos políticos de continuação,

⁹ . DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln. *Bibliomania*. Cotia: Ateliê, 2015.

¹⁰ . DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (orgs.). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004.

¹¹ . DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln. O homem e os livros: a obra de uma vida. In: *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004, p. 9-16.

¹² . *Shibbólet* é uma palavra hebraica que significa algo ou alguma coisa que representa uma cultura ou um grupo. Trata-se de algo que possui um profundo caráter holístico. Em certa medida, o conceito tenta remeter ao esforço histórico do intento sistematizador do conhecimento que marca a cultura ocidental. Nessa empreitada, que é mais intelectual do que social, diversas dimensões do pensar se manifestaram, entre elas a religião, a filosofia e mais recentemente a ciência, tentando estabelecer sentidos.

¹³ . Para um debate interessante sobre o processo ocidental de organizações de biblioteca cf., MCKITTERICK, David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem da bibliografia. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 95-107

¹⁴ . PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (orgs.). *Interpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

¹⁵ . DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln. La Biblioteca Socialista Edgard Carone: Formas de pensamiento y memorias de los libros. Política de la memoria de los libros. *Políticas de la Memoria*, n. 18, verano 2018/2019, p. 186-196.

¹⁶ . CANDIDO, Antonio. “O significado de ‘Raízes do Brasil’”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9-24.

¹⁷ . Para um debate mais aprofundado a respeito dessa questão, cf. ORTIZ, Renato. *Imagens do Brasil. Revista Sociedade e Estado*, v. 28, n. 3, 2013.

não havendo rupturas ou revoluções.¹⁸ O argumento não é exatamente original, podendo ser encontrado em outros autores, porém de longe Carone foi o que mais mobilizou fontes para sustentá-lo com os 12 volumes de sua coleção sobre a República. O intento de Secco é louvável e significativo. Mais de uma vez Carone foi considerado por professores importantes como pouco reconhecido ou subestimado.¹⁹ Contudo, uma análise de maior fôlego, que vá além de artigos, mostra-se ainda necessária. Aparentemente não será Secco que o fará profundamente, mas um dos seus orientandos, que já dedicam trabalhos de pós-graduação a respeito da obra do autor.²⁰

A Batalha dos Livros de Secco é um desdobramento e aprofundamento dos estudos editoriais de Carone. Opera-se a manutenção e o desenvolvimento de problemas e procedimentos estabelecidos no entrementes da relação mestre aluno, tudo isso em média duração. Não se pretende afirmar nenhuma forma de mecanicismo entre esses dois pesquisadores. Não se trata de mera reprodução de metodologias ou conceitos, no entanto um exercício de aprendizagem que constitui o novo na relação com o velho. Na construção do saber, raramente *les dés sont pipés* ou, utilizando uma expressão brasileira, “as ideias não são como metais que se fundem”. Seu processo de circulação e transmissão é mais complexo. Até exercícios doutrinários, profundamente rigorosos com seus preceitos e formatos, são marcadas por transformações na sua difusão.

Nesse sentido, algo interessante apresenta-se diante das gerações de historiadores que Secco e Carone colocam-se. O período de produção deste principiou em 1965 e se acentuaria nos decênios seguintes, quando construiria a sua extensa obra sobre a república.²¹ Sua atuação é quase concomitante com o período de expressão da Terceira Geração dos *Annales*.²² A influência no Brasil de tal forma de exercer o *métier d'historien* é profunda. A constituição da disciplina histórica no país está expressivamente associada à atuação de

Fernand Braudel como docente na Universidade de São Paulo (USP) entre 1935 e 1937.²³ A questão em si não é tanto a presença física de integrantes da revista francesa no sul dos trópicos, mas sim a constante atenção cultivada pelos pesquisadores locais para o que estava sendo produzido pelos membros da famosa publicação.

Edgard Carone aparentemente passou além de tudo isso, ao se observar a sua obra. Não que desconhecesse Fernand Braudel, Marc Bloch, Lucien Febvre e outros autores dos *Annales*. Graduou-se em história na USP e certamente teve um contato expressivo com essa bibliografia,

¹⁸ . DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln. “Edgard Carone”. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (orgs). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 215-225.

¹⁹ . MAYRINK, Geraldo. Entrevista: Carlos Guilherme Mota. *Veja*, n. 356, p. 4, 02 jul. 1975. Carlos Guilherme Mota deu a entender isso nessa entrevista e em conversa com o autor em 2017 o disse abertamente. Secco e Deaecto também o dizem em mais de um artigo.

²⁰ . Nesse sentido, existe a dissertação de Fabiana Marchetti, orientanda da professora Marisa Midori Deaecto, que começou a esboçar algumas análises de maior fôlego sobre a vida e a obra de Edgard Carone. MARCHETTI, Fabiana. *A Primeira República: a ideia de revolução na obra de Edgard Carone (1964-1985)*. MARCHETTI, Fabiana. *A Primeira República: a ideia de revolução na obra de Edgard Carone (1964-1985)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

²¹ . O primeiro livro de Edgard Carone sobre o período republicano foi *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. Mais tarde essa obra se desdobraria em diversos outros volumes. CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. 1922-1938. São Paulo: Desal, 1965.

²² . Sobre as gerações dos *Annales*, cf. BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010. DOSSE, François. *História em Migalhas*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

²³ . Sobre o assunto cf., MICELI, Paulo. “Sobre História, Braudel e os Vaga-Lumes. A Escola dos *Annales* e o Brasil (ou vice-versa)”. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 256-270.

porém seu *anschauung* como historiador derivou-se muito mais substancialmente de uma perspectiva marxista, tanto dos autores teóricos, quanto dos autores que estudaram a história dessa corrente de pensamento. Comparando-se com a tradição acadêmica francesa, sua produção é pouco teórica. Em nenhum momento, dispõe uma introdução ou um capítulo primário no qual haure os conceitos balizares de sua análise. Em suma, sua maior preocupação como pesquisador estava posta na construção da narrativa, no apresentar e manejar da documentação em um sentido histórico, utilizando *en passant* alguns conceitos essenciais do marxismo, especialmente o de linhagem *clássica*.²⁴ Rememora certas tradições da historiografia que privilegiam a descrição e as grandes questões político-sociais.

Para se entender a obra histórica de Carone, é preciso compreendê-la dentro de dois movimentos. Por um lado, na linhagem de escritores marxistas brasileiros que manusearam massa documental com conceitos derivados do marxismo como Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré e, especialmente, Leôncio Basbaum com os seus quatro volumes da *História Sincera da República*.²⁵ Por outro, como um observador atento da produção de pesquisadores da história do marxismo europeu, principalmente capitaneados em editoras e institutos de esquerda, a partir da década de 1970.²⁶

Assim, a Terceira Geração dos *Annales* passou despercebida para Edgard Carone. Os conceitos e as considerações às vezes demasiadamente abstratas que marcaram os “historiadores das mentalidades” lhe parecem estranhas. Não existe dentro da sua biblioteca, pelo menos até o presente estágio de catalogação,²⁷ livros fundamentais da Terceira Geração, que deram origem ao que se entende hoje como *Histoire du Livre*. Não há por exemplo *L’Apparition du Livre* de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin – trabalho fundacional do campo, publicado em 1958.²⁸ Em seu lugar, há um conjunto de trabalhos produzidos por historiadores europeus do marxismo da segunda metade do XX. Estão presentes na biblioteca: os levantamentos das edições do *Manifesto Comunista* feito por Bert Adreas²⁹ e da introdução do marxismo na Espanha por Pedro Ribas;³⁰ a *Storia del marxismo* em vários volumes dirigida por Eric J. Hobsbawm,³¹ e diversos tipos de investigação semelhantes. Provavelmente, no processo de catalogação, aparecerá a outra importante coletânea de estudos sobre a história do marxismo europeu, *Storia del marxismo contemporaneo*, editado pela *Fondazione Giangiacomo Feltrinelli*.³²

²⁴ . Utilizo o referencial conceitual de Pery Anderson, que separa duas gerações de escritores marxistas: clássicos e ocidentais. ANDERSON, Pery. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

²⁵ . BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1957.

²⁶ . Sobre tais coleções de estudo europeu, cf. MALDONADO, Luccas Eduardo; TARCUS, Horacio. “Edição e revolução na América Latina: um diálogo com o historiador argentino Horacio Tarcus sobre o marxismo latino-americano. *Crítica Marxista*, nº 48, p. 168-169, 2019.

²⁷ . O processo de catalogação da biblioteca Edgard Carone, localizado no Museu Republicano de Itu, órgão da USP, está em curso. Agradeço as informações prestadas por José Renato Margarido Galvão, um dos funcionários responsáveis pelo processo de catalogação. Para saber mais sobre tal processo, confira o trabalho apresentado no 3º Colóquio Argentino de Estudos sobre el Libro y La Edición: GALVÃO, José Renato Margarido. Coleção Edgard Carone: experiência de catalogação de uma ‘biblioteca marxista’. Buenos Aires, 2018.

²⁸ . FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *L’Apparition du Livre*. Paris: A. Michael, 1971.

²⁹ . ANDRÉAS, Bert. *Le Manifeste Communiste de Marx et Engels*. Milão: Feltrinelli, 1963.

³⁰ . RIBAS, Pedro. *La introducción del marxismo en España (1869-1939): ensayo bibliográfico*. Madri: Ediciones de la Torre, 1981.

³¹ . HOBSBAWM, Eric J (org.). *Storia del marxismo*. Torino: Einaudi, 1978. Existe uma edição brasileira dessa coleção publicada pela Paz e Terra.

³² . FONDAZIONE GIANGIACOMO FELTRINELLI. *Storia del marxismo contemporaneo*. Milão: Milano Feltrinelli Economica, 1977.

Lincoln Secco é diferente e semelhante concomitantemente da produção de Carone. Preserva diversas características da fixação livresca e política de seu mestre. Os seus temas e suas abordagens são muito parecidos. Contudo, Secco é autor de uma outra geração e possui alguns matizes da produção do seu tempo. Existem algumas nuances da tradição francesa da História do Livro em sua produção. Hobsbawm chegou a ponderar que “a relação entre a esquerda marxista e os *Annales* [...] foi bem mais amistosa e cooperativa” do que a bibliografia tradicional supôs. O autor realça que, na revista histórica dos marxistas britânicos *Past and Present*, constantemente foram feitas referências aos autores ligado aos *Annales*.³³ Ao se manejar o instrumental analítico de Pierre Bourdieu, poder-se-ia argumentar que os historiadores de esquerda e os dos *Annales* não eram somente competidores da definição epistemológica do saber histórico, mas também interlocutores que, no processo de concorrência intercambiavam, assumiam, renegavam ou adaptavam referenciais de suas contrapartes. As células que compõem o campo não seriam tão rígidas quanto a aparente impressão.³⁴ Contudo, como o próprio Hobsbawm demarcou no texto citado, todo esse processo necessita de maior investigação, é uma fronteira a se enfrentar. Estabelece-se, assim, um horizonte interessante. Além disso, o escritor britânico faz considerações que englobam fundamentalmente a Segunda Geração dos *Annales*, a qual foi principalmente orquestrada por Braudel e se dedicava às temáticas estruturais da economia e da sociedade.³⁵ O entremes dos historiadores do marxismo e dos historiadores das mentalidades é mais díspar se comparado com os integrantes da Segunda Geração dos *Annales*.

Na América Latina, essas intersecções entre influências da produção historiográfica são significativamente mais complexas uma vez que se introduz uma série de outros fatores. No entanto, é possível observar a expressão desses fluxos de ideias. Lincoln Secco é um pouco a realização do contato dessas vertentes, não obstante seja predominantemente um marxista e um historiador do marxismo. Sua primeira investida no campo editorial insere-se dentro do seu mestrado, publicado como livro em 2002. Em *Gramsci e o Brasil*, realiza um estudo da “geografia” da presença de Gramsci dentro da bibliografia brasileira, buscando todos os autores que recorreram ao pensador italiano no país.³⁶ Trata-se de um expoente dentro de um conjunto de estudos sobre a recepção do fundador do Partido Comunista Italiano no Brasil que começou a ser lançados a partir dos anos 1990.³⁷ Todavia, existe um outro texto de Secco de 2002 que se mostra mais interessante. Lançado na revista *Novos Rumos*, o artigo “Notas para a História Editorial de *O Capital*” esboça uma tentativa de enfrentar os caminhos textuais d’*O Capital* de Karl Marx, buscando suas traduções, críticas, recepções etc.³⁸ O artigo conta com várias limitações espaciais, tangendo diversas temáticas de maneira breve, mas demonstra um domínio

³³ . HOBSBAWM, Eric J. “A história britânica e os ‘*Annales*’: um comentário”. In: HOBSBAWM, Eric J. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 195.

³⁴ . BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.

³⁵ . Sobre o assunto, o historiador da historiografia dos *Annales* Carlos Antonio Aguirre Rojas faz uma relevante ponderação, “é também interessante comprovar como a partir deste jogo de múltiplos exercícios de comparação histórica, aparece como fundamental o diálogo persistentemente retomado, e resolvido sempre de maneiras distintas, entre esses diversos *Annales* e os igualmente diversos marxismo com que convivi, e a respeito dos quais definiram-se tanto em relações de aproximação ou de clara aliança, como de aberta separação e distância, passando também por uma receptividade firme mas matizada, ou por um ceticismo não obstante atento de seus principais aportes. Tal diálogo fundamental na história dos *Annales* tem sido permanentemente negligenciado pelos distintos estudiosos da corrente, aparecendo só de maneira tangencial ou periférica em seus ensaios, artigos e livros”. AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Uma história dos *Annales* (1921-2001). Maringá: UEM, 2004, p. 18.

³⁶ . SECCO, opus citatum, 2002.

³⁷ . Sobre isso cf. COUTINHO, Carlos Nelson. O Gramsci no Brasil Recepção e Usos. In: MORAES, João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil. Teorias. Interpretações*. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007, p. 188.

³⁸ . SECCO, Lincoln. Notas para a História Editorial de *O Capital*. *Novos Rumos*, nº 37, 2002, p. 43-62.

bibliográfico razoável dos historiadores europeus do marxismo, os quais em grande parte estão presentes na biblioteca Edgard Carone. Revela-se um processo de amadurecimento reflexivo a respeito dos fenômenos livro e leitura que dois anos depois uma vez mais se demonstraria, quando publicou “Biblioteca Gramsciana: os livros da prisão de Antonio Gramsci”.³⁹ Nessa nova colaboração, o então docente da USP faz uma análise a partir do rico material que é a história dos *Quaderni del Carcere* de Gramsci, buscando esmiuçar a relação com os materiais escritos que o italiano desenvolveu em seu retiro forçado. O estudo é bem circunscrito, delimitando exclusivamente o período de prisão do intelectual (1926-1937), mas é rico nos horizontes de análise: explora os cerceamentos da leitura posto pelo regime fascista; o controle a respeito de sua escrita; o que lhe chegava dentro das celas; *inter alia*. São 20 páginas de texto, às vezes aparentemente escritos apressadamente, que dentro de suas limitações lança problemáticas e as responde satisfatoriamente. Algo tangente, entretanto vital, é a menção à tradição francesa da História do Livro. O faz para dizer que não almeja realizar objetivamente um diálogo com a linhagem de estudos, embora reconheça que o realize indiretamente.⁴⁰ De fato, grande parte desse diálogo está posto de maneira indireta.

A Batalha dos Livros foi redigido mais de uma década depois. Nesse significativo intervalo, houve tempo de Secco realizar uma série de outras leituras e reflexões. Não se era visível traços dos *Annales* no artigo e livro de 2002, no entanto no livro de 2017 se esboçam mais claramente essas características. Nesse movimento, destaca-se também a leitura de Gramsci, que já era realizada havia muito, mas foi apurada com o tratamento dos anos. Emerge um Gramsci não como um problema a ser analisado, porém como uma referência intelectual de onde se assume, debate e modifica alguns conceitos e problemas para a construção de suas narrativas históricas, algo que já estava parcialmente posto no texto de 2004. Existe um deslocamento na produção de Secco que engloba, além da preocupação com o material escrito, diversas dimensões das práticas de leitura. Em uma perspectiva marxista, o professor da USP concentra-se menos no livro como fenômeno mercadoria e começa a entendê-lo como um componente central da superestrutura. Em certa medida, a abordagem foi tornando-se mais rica, contemplando nas suas pesquisas uma interpretação de cultura que ia além das obras, percebendo as interações sociais que as rodeiam e oferecem sentido.

Robert Darnton é um dos mais expressivos expoentes da tradição da História do Livro emergida a partir do lançamento de *L'Apparition du Livre* de Febvre e Martin. Apesar de não ser francês e ter uma formação acadêmica anglo-saxã, colocou-se como um dos principais debatedores dessa linhagem de pesquisa anunciada pelos *Annales*, inclusive elaborando diversos textos que tentam refletir e definir o campo. Iniciativa essa que se principiou em 1982 com a publicação de “O que é a História dos Livros?”.⁴¹ Escrito que consegue cunhar categorias e estabelecer alguns horizontes para a área. Tal trabalho seria muito importante como horizonte para diversos pesquisadores, pois divulga extensivamente essa forma de fazer histórico. Todavia, trata-se ainda de um texto de relativa juventude, pois é um dos primeiros exercícios exclusivamente epistemológicos do autor. Com o passar do tempo, tornar-se-ia mais claro para Darnton outras problemáticas que envolvem a História do Livro e que não estavam enunciadas

³⁹ . SECCO, Lincoln. Biblioteca Gramsciana: os livros da prisão de Antonio Gramsci. *Revista de História*, nº 150, p. 209-228, 2004.

⁴⁰ . “Evidentemente, este artigo não busca fazer referências aos avanços teóricos na área específica da História do Livro senão indiretamente. Trata-se de abordar a maneira como Gramsci tratou de temas semelhantes: mediação editorial, formas de pensamento, estratégias de leitura etc.”. Idem, *ibidem*, p. 210.

⁴¹ . DARNTON, Robert. O que é a História dos Livros. In: *O Beijo de Lamourette: Midia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 109-131.

no primeiro texto. Nesse trajeto reflexivo, existe um escrito de maturidade que, ao retornar criticamente ao “O que é a História dos Livros?”, esboça, além de problemáticas e limitações de sua análise prévia, alguns contornos das linhagens intelectuais que se acumularam no campo. Em “What is the history of books? revisited”, Darnton pondera a influência de Edward Palmer Thompson em suas investigações. Utilizando a clássica expressão *history from below*, que demarca holisticamente o intento de Thompson de explorar a história das classes mais baixas, Darnton afirma a presença dessas preocupações em sua abordagem.⁴² Isso se expressaria na procura por explorar os fenômenos intelectuais e culturais daqueles que nem sempre eram redatores dos livros. Não almejava tanger mais a leitura de *scriptorium*, reservada aos monges a fazer *ruminatio*, mas das populações mais pobres que em geral eram analfabetas e realizavam uma leitura coletiva mediada por uma pessoa precariamente letrada. Tencionava, assim, romper com a representação do livro como a esboçada por Caravaggio em sua obra sobre São Jerônimo⁴³ e se deslocar para Nikolai Petrovich Bogdanov Belsky que retratou o povo lendo jornal à espera de notícias sobre a guerra e os camponeses no difícil processo de aprendizagem nas escolas rurais. Duas coisas esboçam-se a partir dessa consideração de Darnton. A primeira é que existe uma intersecção entre o Marxismo Britânico e a História do Livro; a segunda é que há uma identidade parcial entre Secco e Darnton.



Figura 1. São Jerônimo. Caravaggio (1606). Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Saint_Jerome_Writing#/media/File:Saint_Jerome_Writing-Caravaggio_\(1605-6\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Saint_Jerome_Writing#/media/File:Saint_Jerome_Writing-Caravaggio_(1605-6).jpg) Acesso em: 05/10/2019.

⁴² . DARNTON, Robert. What is the history of books? revisited. *Modern Intellectual History*, 4, Cambridge, Cambridge University Press, p. 495-496, 2007.

⁴³ . Na mitologia cristã, trata-se do personagem que traduziu a *Bíblia* para o latim, resultando na Vulgata.



Figura 2. News from the war. Nikolai Petrovich Bogdanov Belsky (1905). Disponível em: <https://www.myartprints.co.uk/a/bogdanov-belsky-nikolai-p/news-from-the-war.html> Acesso em: 05/10/2019.



Figura 3. The Village Meeting. Nikolai Petrovich Bogdanov Belsky (1895). Disponível em: <https://www.myartprints.co.uk/a/bogdanov-belsky-nikolai-p/the-village-meeting.html> Acesso em: 05/10/2019.

O primeiro estudo sobre a história do livro no Brasil apareceu em 1985. Nesse ano, o inglês Laurence Hallewell publicou *O Livro no Brasil. Sua História*, monumental trabalho que realizava uma exploração extensiva do processo editorial brasileiro nos séculos XIX e XX.⁴⁴ Logo em seguida, Carone publicou o seu *O Marxismo no Brasil* em 1986. Esses dois autores realizaram trabalhos de descrição extensivos, mas não se caracterizam por um manejo conceitual apurado. Contudo, há de se considerar que ambos não são exatamente historiadores, não obstante tenham feitos trabalhos históricos; problemática que enseja diversas tensões entre história e historiografia. A área de origem do britânico é a biblioteconomia, enquanto o brasileiro possui uma formação mais complexa.

Carone, não obstante tenha passado pelos diversos estágios da vida universitária, chegando a ser aluno e docente da USP, expressiva parte de sua formação deu-se além dos muros da faculdade. Em grande medida, é o resultado de uma construção humanista em que núcleo central de reflexão e leitura se põe na literatura, na filosofia e nos autores socialistas. Oriundo de uma família da pequena burguesia com significativo capital cultural,⁴⁵ cresceu profundamente inserido na cultura livresca. Seus primeiros escritos dão uma certa dimensão

⁴⁴ . HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil. Sua História*. São Paulo: EDUSP: Queiroz, 1985.

⁴⁵ . O nome de um dos irmãos de Edgard Carone, Maxim Tolstoi, dá um pouco o tom da cultura familiar.

dessa relação, uma vez que produziu algumas resenhas para o *Suplemento Literário de O Estado de São Paulo*, tradicional jornal da capital paulista habitado por vários literatos, e para o *Vanguarda Socialista*, jornal de alta qualidade política elaborado por reunião de ex-trotskistas, como Mario Pedrosa e Edmundo Moniz. Isso não quer dizer que não possuía uma cultura acadêmica. A tinha, porém, era muito distinta dos trejeitos de especialização que marcaram a universidade brasileira principalmente a partir da década de 1960. Carone era muito próximo de um conjunto de estudantes, entre eles Antonio Candido, Paulo Emilio Salles Gomes etc.,⁴⁶ que começaram a instituir formatos e conceitos acadêmicos no país, sendo, todavia, muito distante do que Florestan Fernandes ou Fernando Henrique Cardoso fariam mais tarde. Contudo, as abordagens desse grupo eram suficientemente “bemrecortadas” para lhes fazerem ser considerados como “chato-boys”, a utilizar a expressão posta por Oswald de Andrade, pela geração anterior, a qual a academia não estava posta no seu horizonte reflexivo.⁴⁷ Carone, que era um pouco mais jovem do que Candido e Salles Gomes, orbitava no meio dessa cultura, sendo um parceiro de leitura e diálogo; mas também transitava concomitante pelos movimentos políticos marxistas que se agitavam no país, principalmente por meio da influência do seu irmão Maxim Tolstoi, que era um quadro importante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na capital paulista. Em suma, trata-se de uma bagagem complexa.

A História do Livro, que se desenvolveu na tradição francesa dos *Annales* a partir de *L'Apparition du Livre*, consolida-se como campo de estudos na Europa a partir da década de 1980, principalmente na sequência dos escritos e debates de Roger Chartier e Robert Darnton. No Brasil, essas linhagens só aportaram na virada do milênio – não obstante os escritos desses autores começassem a aparecer traduzidos no país desde a metade da década de 1980. Parece ser um pouco sintomático que um dos primeiros estudos desse campo tenha sido realizado por um estrangeiro. O antropólogo argentino Gustavo Alejandro Sorá, atualmente docente da Universidade Nacional de Córdoba, fez um doutoramento durante a década de 1990 no Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que explorou a casa de publicação José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro.⁴⁸ Detentor de uma trajetória acadêmica particular que transitou por três países (Argentina, França e Brasil), Sorá produziu um trabalho antropológico com expressivo diálogo histórico, no qual manejou um cabedal conceitual pouco utilizado no país no período. Emerge de seu trabalho autores da História do Livro que pouco haviam sido explorados no país até aquele momento.

A partir de então, uma série de outros estudos foram aparecendo e configurando um campo acadêmico da História do Livro no Brasil.

Historiadores de ofício dedicaram-se a esse conjunto bibliográfico para refletir a questão. A realização do “I Congresso de História do Livro e da Leitura no Brasil” em 1998 e do “I Seminário sobre o Livro e a História Editorial no Brasil” em 2005 foram parte vital desse processo.⁴⁹ Uma importante vertente dentro desse campo dedicada a história editorial dos livros de esquerda também foi se configurando. Nesse movimento, uma espécie de acúmulo de experiências ocorreu. As novas abordagens construídas por jovens pesquisadores defrontaram-

⁴⁶ . Os escritos desse grupo eram principalmente publicados na revista *Clima*.

⁴⁷ . PRADO, Décio de Almeida. O Clima de uma época. In: AGUIAR, Flávio. *Antonio Candido: Pensamento e militância*. São Paulo: Perseu Abramo: Humanitas, 1999. p. 29.

⁴⁸ . Em 2010, o seu doutoramento ganhou uma versão em livro. SORÁ, Gustavo. *José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2010.

⁴⁹ . Utiliza-se as considerações de Gustavo Sorá a respeito desse campo no Brasil, presentes na edição em livro de sua tese de doutoramento. Idem, *ibidem*, p. 14.

se com o rico material que Carone produzira; alguns desses, aliás, foram por ele orientados. Esses, todavia, não portavam os mesmos nuances de formação do que o autor d'*O Marxismo no Brasil*. A profissionalização do ofício do historiador fora realizada havia muito no país. Dessa maneira, armava-se dentro de tal linhagem de estudo uma forte concatenação da tradição dos historiadores do marxismo, encarnada no país pela produção de Carone, com os referenciais da História do Livro, derivados da profunda influência francesa dentro da universidade brasileira. Dependendo do autor, a vertente *Annales* ou marxista destaca-se mais,⁵⁰ contudo há de se demarcar que a segunda é expressivamente mais presente na área. A publicação do livro *Edição e Revolução* foi um dos momentos altos da empreitada ao se conglomerar pesquisadores em uma coletânea intitulada *Edição e Revolução*.⁵¹

A Batalha dos Livros de Lincoln Secco é um novo e importante passo na tradição da História do Livro no Brasil. Mais precisamente, é a expressão de uma linhagem particular dessa forma de estudo. No Brasil, elaborou-se uma tradição de pesquisa editorial de esquerda a partir da iniciativa de Edgard Carone; pesquisador que estabeleceu essa tendência por meio do contato com historiadores do marxismo europeu. O acúmulo dessa particular empresa junto com a formação de um campo da História do Livro na vertente *Annales* construiu uma subárea que estuda com referências híbridas o vasto material editorial que as esquerdas produziram no país. *A Batalha dos Livros* de Secco é o ponto mais alto dessa linhagem específica até então. Em *Edição e Revolução*, existe uma tentativa de síntese histórica, por meio do trabalho de vários autores, mas que não alcança a mesma qualidade devido às diversas lacunas.

Essa síntese seria somente realizada quatro anos depois com *A Batalha dos Livros*. Não obstante o trabalho de Secco seja fundamentalmente um estudo da história editorial do (PCB) e porte alguns dados equivocados e vácuos temáticos,⁵² a empreitada coloca-se como uma síntese do campo de estudo. É um trabalho fundamental, pois consegue estabelecer pela primeira vez uma periodização, fundada em categorias e dados qualitativos e quantitativos, da história das publicações de esquerda no Brasil. Indica, provavelmente, um salto qualitativo da área no país, requisitando consequentemente maiores aprofundamentos no futuro.

⁵⁰ . Para um estudo da história editorial de esquerda com grandes matizes da historiografia da História do Livro, cf. MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013. Livro que originalmente era uma tese de doutoramento orientada por Secco no Departamento de História da Universidade de São Paulo.

⁵¹ . DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia; Ateliê; Belo Horizonte: UFMG, 2013.

⁵² . A resenha que o historiador Dainis Karepovs fez da obra faz alguns apontamentos a respeito. KAREPOVS, Dainis. Resenha: A batalha dos livros: Formação da Esquerda no Brasil. *Perseu*, n. 16, ano 12, p. 230-235, 2018.